

# O SOLDADO ARCANJO \*

Plínio Carneiro

Era um branquelão, desses que a gente olha na rua e se lembra dos roceiros vistos às margens das estradas: cabelos avermelhados, lisos; magro e rijo — as veias dos braços saltando; dentes grandes e amarelos; meia dúzia de fios de bigode e de barba — um matuto sem tirar nem por, da cabeça aos pés.

Não era roceiro, nem nada. Nascido e criado no subúrbio da cidade grande, ia três ou quatro vezes por ano ao centro — no carnaval ficava agarrado à corda de isolamento, vendo a multidão passar; na Semana Santa entrava na fila das procissões; no Sete de Setembro era a glória: perdia toda a manhã em rebuliço, admirando os canhões, as bandas, as fardas que passavam marchando. Aí, sim, tomava partido de que morava na cidade grande e se esquecia do barro das ruas sem calçamento, da lata cheia de água que carregava desde pequeno.

No subúrbio de mais de uma hora de viagem, ele vivia seus dezesseis anos, sempre à espera da grande festa de sua vida: a parada militar. Da casa ao grupo, antes; da casa à vendinha do pai, depois, ele ia dividindo a vida entre as verduras da horta e as brincadeiras de rua — um campinho de futebol um nego-fugido, o bentealtas de bola de meia.

---

\* Menção Honrosa no II Concurso de Contos da Academia Municipalista de Letras de Belo Horizonte — 1972.

Aos dezoito, a grande decepção. Sua xistose de quatro cruces o impediu de servir o exército. Jogou no barro de sua ruazinha as lágrimas que caíram no certificado de terceira categoria. Arcanjo de Deus Ferreira, considerado “incapaz para o serviço militar, podendo entretanto exercer atividades civis”.

Naquele dia, Arcanjo não viu nada, só o papel na mão, descendo a rua Popular, em direção ao barraco da família, sem a grande notícia que antecipara quando saíra de manhã. Seus planos de servir na C.P.P., na C.C.S., até na Quinta Companhia — que diziam ser a mais dura — formavam agora um vazio na cabeça. Sentiu até um friozinho no meio dos ossos, igual à sensação que sempre tinha quando partia para a briga contra os meninos do bairro.

No pé de manacá, plantado à frente do barraco, ele parou. Queria limpar uma aguinha que teimava em ficar no canto dos olhos — “um militar não chora, nunca”. Ele não era militar, mas nem por isto iria abrir o bué. Fechou os olhos com raiva — só via sua imagem de farda, passeando no Parque Municipal: o casquete no alto da cabeça, igual ao Capitão Atlas, do Gibi; o bate-bute fazendo barulho no meio-fio; a farda brilhando de nova. Agora, de olho aberto, só o pé de manacá, a cerca de latas velhas, o barracão de uma porta só, a vontade de sumir do mapa.

A mãe o viu entrar de cabeça baixa e se dirigir aos fundos da casa, sem dizer palavra. Os irmãos estavam no galinheiro, jogando milho para as criações; o pai na horta, regando as plantas.

— Tomei bomba no exército. Xistose.

A mãe respeitou o silêncio de Arcanjo, as palavras saindo roucas, no levantar da cabeça, enterrada no travesseiro.

— E na Polícia Militar, cê foi?

È. Faltava a Polícia Militar. Ele tinha se esquecido disso. Seus planos giravam em torno da farda verde e se esquecera que ainda restava uma esperança, uma esperança de brim cáqui. Mas e a xistose, como é que iria ficar?

Arcanjo sabia coisas para não servir o exército. Tomar chá de assapeixe para parecer tuberculoso; andar com o pé bem arriado para parecer pé chato, e tantos outros macetes que ele evitara. Agora tinha de descobrir como esconder a xistose, se fosse mesmo fazer o exame para a Polícia Militar.

A cabeça já não estava enterrada no travesseiro, os ossos já não doíam, sentiu outra disposição. Sim, ainda tinha uma esperança, a Polícia Militar. E não precisava nem falar com as meninas e os amigos que havia sido reprovado no exército, podia dizer que escolhera a Polícia, uma profissão de muito mais autoridade, melhor remunerada.

Arcanjo ia substituindo sua imagem verde pela marrom, suas bagunças de farda mudavam um pouco: a responsabilidade de policial era bem maior. Já se via novamente no Parque Municipal, cercado de moças a admirar a farda brilhando de tão nova; já se imaginava passando na Avenida em dias de parada — o queixo levantado, o braço rijo segurando o fuzil, o coturno engraxado, um espelho de tanto brilho.

Já se via descendo do ônibus e, cercado pelos irmãos, andando pela ladeira do subúrbio, com muito cuidado para não cair e sujar a roupa: “tira a mão da farda, ô paisano”. E até a viúva da vila, metida a sebo, iria correr à janela para vê-lo passar, pisando duro e sem dar bola a ninguém.

\* \* \*

O médico do dispensário receitou muito remédio para a xistose de Arcanjo. Uns nomes esquisitos: Estibofen, Fua-dina, Triostib — e era uma dor nos braços que se alastrava pelo corpo inteiro. As mãos perderam a pele, ele não podia nem levantar a cabeça do travesseiro que o coração disparava. Teve vontade de suspender as injeções quando os braços ficaram dormentes, cheios de pontos pretos perto da veia, estufada de tanto remédios.

Foi uma quadra de dor para Arcanjo. O que o distraía um pouco eram os planos de brim cáqui que moravam em sua cabeça. O amigo André Pé-de-Caixote sempre chegava à tar-

dinha, para um papo sobre as meninas do Bairro Senhora de Jesus, sobre a viúva da esquina.

Arcanjo ia indo, refeito do tratamento, o pai resmungando seu braço forte na horta e na bistaca; a mãe também reclamando a presença daquele filho, forte como um touro, deitado o dia inteiro, sem ânimo nem para ajudá-la a carregar os tachos cheios de engasga-lobo para a vendinha.

Um dia, André trouxe a notícia.

— Já tão recebendo gente para exame na Polícia Militar. E vão precisar de muito homem, por causa do quartel novo e das eleição.

Arcanjo, cara vermelha de satisfação, sentiu até a orelha tremer, aquele fogo subindo da barriga para a cabeça. Tinha parado de tomar remédio há muito tempo, mas guardara a cama, com medo de a xistose voltar.

— Pra quando é o exame?

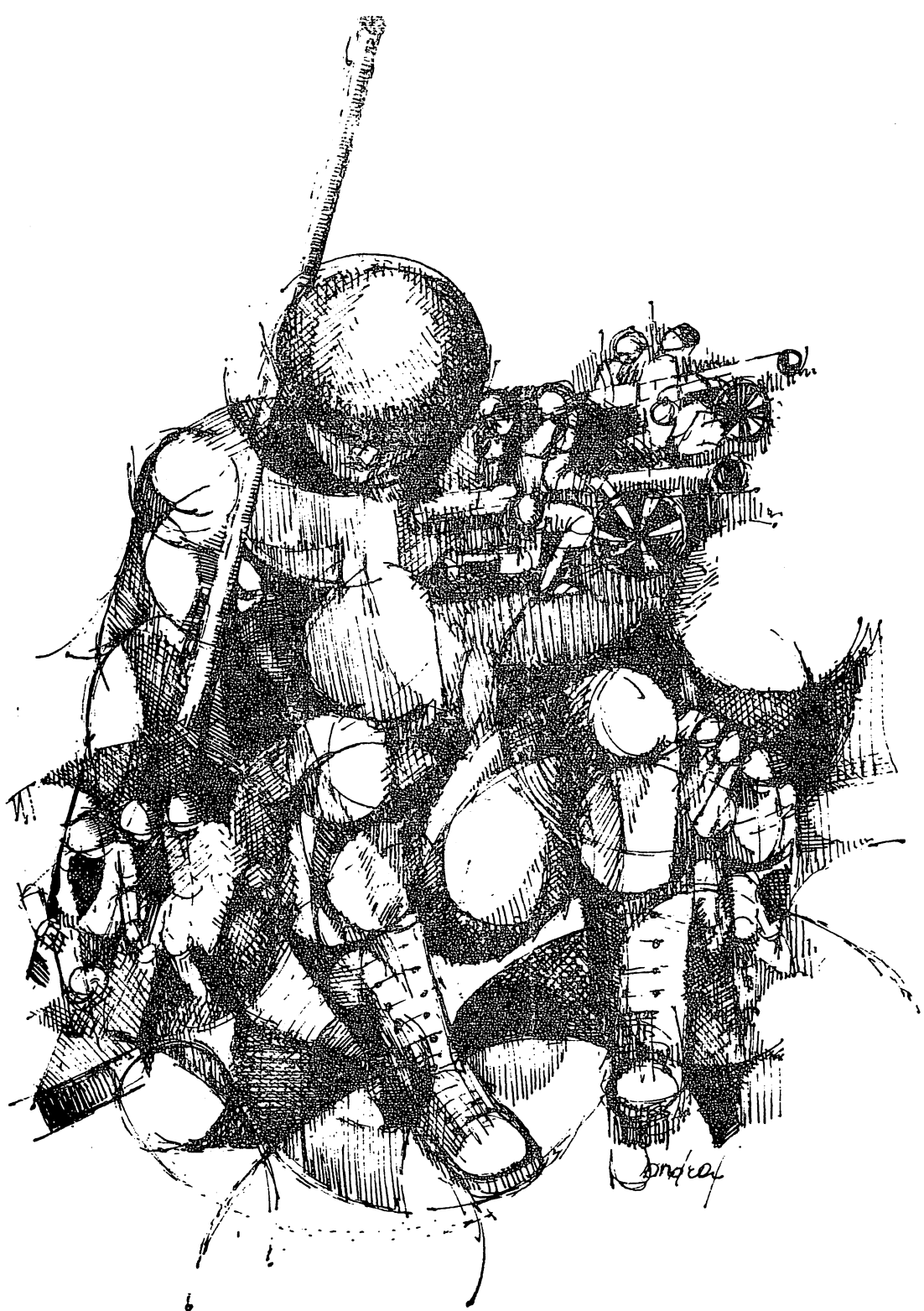
Nem escutou direito André falar que era no fim da semana, vestindo as calças para ir à vendinha, dar a boa nova ao pai. Já se via posando de militar, um revólver pendurado na cintura, a farda tinindo de nova, brilhando do ferro de brasas que a mãe manejava tão bem.

Na sexta-feira, Arcanjo foi o primeiro da fila, na porta do quartel. Na sala do exame médico foi o primeiro a tirar a roupa, a mostrar aquele corpo comprido, magro mas rijo, fazendo inveja aos mais baixotes, insignificantes perto de seu tamanhão. Suou nos exames escritos, as gotas caindo no papel quadriculado que eles tinham dado para os candidatos preencherem.

O resultado saiu à tarde e apanhou Arcanjo às voltas com uma pratada de bolo-de-feijão que a mãe havia fritado e que ele levava para a venda. Foi André Pé-de-Caixote que gritou de longe:

— Seu nome tá lá, Arcanjo. E procê ir lá segunda-feira, às sete horas, assinar os papel.

O prato de bolo esquentou nas mãos de Arcanjo, os olhos escureceram. Ele viu uns bichinhos rolando na areia, mas



ficou firme, com medo de perder todo o trabalho da mãe. Era preciso muita responsabilidade para receber uma notícia daquela, até que o André poderia ter esperado ele chegar na venda.

Arcanjo estufou o peito, levantou o queixo, uniu os calcanhares e marchou para a vendinha, debaixo do viva e das risadas de André, parado no barranco e cantando “marcha soldado, cabeça de papel, se não marchar direito, vai preso no quartel”. Aquela dor no meio dos ossos, aquela sensação de desânimo, tudo isto Arcanjo espantou antes de chegar ao balcão, o pai dando uma palmada de parabéns em suas costas, os velhos pinguços da vila falando alto, sem que ele escutasse nada.

Que fim de semana cheio para Arcanjo. Nem dormir direito conseguiu, depois da reunião com a turma, toda a conversa girando em torno de sua nova vida de soldado, uma vida cheia de responsabilidades. E Arcanjo posava de cabo, até de sargento, construindo seus casos: o salvamento de crianças, a guarda ao governo, a heróica subida no edifício em chamas para ajudar uma velhinha — o peito coberto de medalhas, o pai, a mãe, os irmãos orgulhosos de seus heroísmos: até a viúva iria passar a metideza no chão quando ele apontasse no alto do morro.

\* \* \*

Segunda-feira chegou escura para Arcanjo, na madrugada que o viu sair de casa e andar quase meia légua até o ponto do ônibus. No quartel, sua altura dominava o alvoroço do pátio onde o cabo do dia dividia as turmas. Ele ia ficar no grupo de aprendizagem de manutenção até poder ser destacado para os serviços de rua. Seus olhos brilharam quando recebeu a farda do Intendente: a calça, o culote, a camiseta, o quépi e o coturno. Fez de tudo um embrulho cuidadoso — iria levar para a mãe abaixar a bainha das calças, passar o paletó, engraxar o bate-bute.

Na primeira fugida ao banheiro quis experimentar a roupa, mas viu que não dava, estava muito malajambrada. Quando

voltou ao subúrbio, de tardinha, teve o desgosto de descer o morro ainda em trajes civis, o embrulhão debaixo do braço, mas já com seu andar de soldado, pisando duro e de queixo levantado.

No pé de manacá, sentiu aquela velha sensação de água nos ossos, a vista escureceu. “Deve ser a comida do quartel”, pensou. De noite, no meio da turma, voltaram as tonteiras e pensou na xistose. Afastou rápido o mau pensamento e, ao voltar para casa, não quis mais conversas com os irmãos — afinal de contas amanhã tinha de acórdar cedo e sair de casa já de farda, arrumada pelas mãos grossas da mãe, capacitosa no manejo da agulha, da linha, do ferro de brasas.

Mas não dormiu, o soldado Arcanjo. Sentia como se nas veias houvesse água, as pernas dormentes e sem forças; a cabeça pesada, as tonteiras indo e voltando. A madrugada o viu sentado na escadinha da casa, junto ao pé de manacá cheio de gotas do sereno, a língua molhando os lábios secos, aquela dormência sempre o levando de volta à cama, sem pregar olho.

André apareceu à tarde para brigar com Arcanjo. Afinal tinha marcado encontro de manhã e nada de o soldado aparecer. Será que ele já estava desfazendo dos amigos só porque agora era militar? Encontrou Arcanjo afundado no colchão, suando muito, a mãe dando um chazinho de erva-doce para espantar a tremedeira.

Foi assim na quarta e na quinta-feira. Na sexta, um coronel médico, chamado por André, apareceu para ver aquele soldado que havia faltado logo nos primeiros dias de caserna. O coronel levou Arcanjo no carro marrom para uns exames, e logo no outro dia lá vinha de novo o carro trazendo o soldado de volta.

Arcanjo nem se apercebera de sua viagem. Tinha uma vaga idéia de ter sido tirado de casa, de ter levado umas picadas nos braços, mas a tonteira e a moleza dominavam tudo. Queria pensar em sua nova vida de soldado, uma vida de muita responsabilidade, mas não conseguia.

De novo na cama, seus olhos viam, pendurada no prego da parede, a farda novinha. Roçando a mão no assoalho podia

tocar no coturno, um espelho de tão engraxado. Mas não tinha ânimo para se levantar e vestir a farda: aquela sensação de água nos ossos já não ia e voltava — ficava agora todo o tempo a incomodá-lo.

A mãe pegou a mania de falar sozinha pelos cantos da casa, pronunciando baixinho palavras de religião — “Deus dá, Deus tira”. A toda hora vinha passar a mão calosa na cabeça do filho, que dormia acordado, os olhos ardendo. E a mãe enchendo sempre a caneca de chá de parietária, bom para o tal de sangue-ralo falado pelo coronel médico. Devia ser igual à xistose, que Arcanjo apanhara nos charcos do subúrbio, piscinas armadas pela chuva nos cantos dos morros. Devia ser igual à maleita, que o pai dela carregou até os oitenta anos. Ela havia até preparado um desemburrol, poção antiga para sarar cara amarrada.

Mas Arcanjo não saía do mormaço. Até o preto Tião Dangola, benzedor da vila, se espantara diante da figura do soldado, antes tão alto, tão forte e rijo; agora um fiapo de gente, o pijama listrado sobrando em todas as pontas.

Arcanjo não queria pensar em nada, só no dia em que pudesse levantar, vestir a farda e assumir seu lugar no quartel. E no dia em que pudesse passear no Parque Municipal, fazendo inveja aos paisanos; quando pudesse descer o morro com seu queixo levantado, o peito estufado, batendo os calcanhares do coturno na terra vermelha do bairro.

Nem queria receber visitas. Os amigos, que no começo vinham encher o quarto, tinham sumido; a mãe era a única que ainda passava ao alcance de seus olhos, o terço na mão, a ladainha na boca. O pai, ocupado com a bistaca e a horta, olhava o filho de longe; os irmãos tinham ido para a Fazenda dos Urubus, passear na casa da madrinha uns meses.

\* \* \*

Certa madrugada, Arcanjo se sentiu bem. Voltou às suas pernas aquela vitalidade que o acompanhava desde criança. Teve vontade de encher o peito e de sair dando pulos pela casa. Sentiu que tinha sarado, estava pronto para voltar ao quartel. Le-



vantou-se rápido e ergueu o braço para apanhar a farda. Só então reparou como havia emagrecido na doença, as pernas eram osso só; os braços finos, pesados; a barba rala refletida no vidro da cristaleira.

Só então reparou como a farda estava grande, sobrando pano para outra roupa: o coturno entrou no pé descalço sem fazer força, o bibico mal-mal ficou equilibrado na cabeça. Mas era belo soldado, ele sabia que era — rijo, cheio de responsabilidades, como qualquer espelho poderia demonstrar.

Andou até a porta do barraco e viu a ruazinha sem calçamento à luz da madrugada. Ouviu os latidos dos cachorros, barulho rouco misturado a um rataplan-plan-plan, quem sabe? de uma parada militar. Sentiu o friozinho da manhã no nariz e pensou na longa vida de responsabilidades que o esperava. Desceu os degraus da escadinha e o rataplan aumentou de intensidade. Sentiu todo o corpo eriçar-se, ergueu o queixo, estufou o peito, bateu os calcanhares e marchou em volta do pé de manacá, molhado pelo sereno.

Era um quadro patético, aquela figura esquelética dentro da imensa farda marrom: o brim cáqui, duro e áspero, a roçar suas pernas finas e compridas, suas espáduas esqueléticas. Sentiu novamente uma tonteira — devia ser porque estivera doente — mas num esforço supremo tornou a unir os calcanhares e, levantando o braço direito, prestou continência ao sol que nascia sobre o moinho. Tropeçou nos panos da farda e apoiou-se no pé de manacá, que tremeu uma chuva de pingos de sereno sobre sua cabeça.

Na tonteira, sentou-se na escadinha, os cotovelos fincados nos joelhos e o rosto apoiado nas mãos espalmadas. Ouviu mais forte o rataplan e sentiu aquela aguazinha nos cantos dos olhos. Logo se refez, porque soldado não chora. Ainda assentado no degrau da escadinha, apoiou a cabeça nos joelhos e morreu.